

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DOUGLAS EMILIANO BATISTA

**DA MAGNIFICÊNCIA DA DIDÁTICA A UM ENSINO NÃO-TODO: UM ENSAIO
DE PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO**

São Paulo
2013
VERSÃO REVISADA

DOUGLAS EMILIANO BATISTA

**DA MAGNIFICÊNCIA DA DIDÁTICA A UM ENSINO NÃO-TODO: UM ENSAIO
DE PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO**

Tese apresentada à Faculdade de Educação da
Universidade de São Paulo para obtenção do
Título de Doutor em Educação.

Linha de pesquisa: Psicologia e Educação

Orientador: Prof. Dr. Leandro de Lajonquière

São Paulo
2013

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

- 37.046 Batista, Douglas Emiliano
B333m Da magnificência da didática a um ensino não-todo: um ensaio de psicanálise e educação / Douglas Emiliano Batista ; orientação Leandro de Lajonquière. São Paulo: s.n., 2013.

174 p.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração : Psicologia e Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo).
1. Freud, Sigmund, 1856-1939 2. Comenius, Johann Amos, 1592-1670 3. Psicanálise e Educação 4. Educação - Fundamentos I. Lajonquière, Leandro de, orient.
-

DOUGLAS EMILIANO BATISTA

Da magnificência da Didática a um ensino não-todo: um ensaio de Psicanálise e Educação

Tese apresentada à Faculdade de Educação da
Universidade de São Paulo para obtenção do
Título de Doutor em Educação.

Linha de pesquisa: Psicologia e Educação

Orientador: Prof. Dr. Leandro de Lajonquière

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

São Paulo
2013

AGRADECIMENTOS

A meus pais e familiares, a meus professores, a meus colegas professores, e a meus pares na pós.

A Capes, pelo financiamento desta tese.

SUMÁRIO

RESUMO	vi
INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1: As antinomias comenianas no <i>ensino de tudo a todos</i> : entre a <i>universalidade</i> do método de ensino e a <i>universalização</i> sem precedentes da escolaridade	13
1.1 O ensino de conhecimentos e a transmissão de saber	18
1.2 Magnificência de Deus, magnificência da Didática	25
1.3 Os capítulos da grande didática	34
1.4 De Deus à natureza: ordem e gradação naturais	40
1.5 O Método (in)falível	55
CAPÍTULO 2. Da <i>universalidade</i> do método de ensino à <i>universalização</i> da escolaridade	60
2.1 O desejo (de saber) e os fins últimos da educação da juventude	60
2.2 A sem precedente universalização do ensino escolar	66
2.3 O espírito público na instrução simultânea e a singularidade do professor	74
CAPÍTULO 3. O ensino de “tudo” a “todos”, o ensino “todo” (psicologizado), e o ensino não-todo	86
3.1 Algumas considerações sobre transmissão e ensino na modernidade	96
3.2 A psicologização da educação contemporânea: declínio da transmissão de não-saber e do ensino de conhecimentos	101
3.3 Transmissão e aquisição	112
CAPÍTULO 4. Um ensino não-todo requer um mestre não-todo	124
4.1 Ensino e transmissão na e da psicanálise	127
4.2 O aluno Freud	136
4.3 O professor Freud	141
4.4 Psicanálise <i>in usum Delphini</i> ?	146
4.5 Freud e o ensino que <i>dá margem</i> às formações do inconsciente	152
CONSIDERAÇÕES FINAIS	160
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	167

RESUMO

BATISTA, D. E. **Da magnificência da Didática a um ensino não-todo: um ensaio de Psicanálise e Educação**. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

O percurso teórico desta tese se inicia por uma reflexão de teor psicanalítico sobre a Didática Magna de Comênio, reflexão por meio da qual se pretende dar a ver as muitas "ressonâncias" que há entre o comeniano "ensino de tudo a todos" (ensino esse que, a despeito das aparências, não chega de fato a ser "totalizante", "completo", ou "acabado") e o "ensino não-todo", tal como é pensado no âmbito da Psicanálise e Educação. E ora, um ensino não-todo é precisamente o que contempla as hiências estruturais ao conhecimento (uma vez que este é, necessariamente, inacabável, inconcluso, não-findo etc.). Nesses termos, na medida em que um professor veicula um ensino "inacabável e inacabado" – ou um ensino que coloca em ato o não-saber – o aluno pode então encontrar espaço para se interrogar e, logo, para se implicar subjetivamente com o que lhe é ensinado (e de tal forma que se constitua para ele - muito embora em “negativo” ou latentemente - um saber singular a partir da transmissão de conhecimentos socialmente validados). Em outras palavras: no avesso do imprescindível ensino escolar de conhecimentos, de conteúdos, de enunciados relativos ao que é “já-sabido”, é crucial que tanto o professor quanto o aluno sejam invocados - a partir de diferentes posições discursivas - ao nível mesmo do desejo inconsciente que os habita, isto é, que sejam invocados em sua estrutural falta-em-saber, em suas enunciações, em sua irrepetibilidade, e sem o que a reprodução de conhecimentos manifestos - seja por parte de quem ensina ou de quem aprende - não passaria senão de massificação, de mera universalização uniformizante. Eis, assim, que um ensino não-todo demandará que o professor não se posicione como um replicador de conhecimentos públicos, já que deve ele colocar em tal ensino algo de singular, algo de seu, de sua irrepetível enunciação. Ou como diz Comênio: a erudição e os instrumentos já preparados não dispensam a viva voz do professor. E é, precisamente, essa viva voz que, em princípio, pode dar vida aos conhecimentos livrescos (os livros são nossos mestres mudos, disse Comênio), e de modo que se suscite o desejo do aluno de vir a despertar para uma nova vida tais conhecimentos públicos. Eis que nisso é que se encontra cifrada a transmissão.

Palavras-chave: Psicanálise e Educação; Freud, S.; Comênio, J.A.; Transmissão;
Fundamentos da Educação

ABSTRACT

BATISTA, D. E. **From the magnificence of Didactics to a not-all teaching: a psychoanalysis and education essay.** Thesis (Doctorate degree). Faculty of Education, University of São Paulo, São Paulo, 2013.

The theoretical trajectory of this thesis begins with a discussion of psychoanalytic sense about Comenius's Magna Didactics. Through this reflection we aim to demonstrate many "resonances" that exist between the comenian "teach everything to everyone" (teaching that despite appearances is not in fact "totalizing", "complete" or "finished") and the "not-all teaching", as it is thought within Psychoanalysis and Education. And so, a not-all teaching is precisely the one that contemplates the structural gaps of knowledge (since it is necessarily endless, inconclusive, non-ending, etc.). In these terms, it is as a teacher conveys an "endless and unfinished" teaching – or a teaching that puts in act the not-knowing – that the student may find chance to bring something into question and thus, imply him or herself subjectively in what is taught (and so that it constitutes to oneself - even though in "negative" or latently - a singular knowledge from a transmission socially validated). In other words, on the reverse of an indispensable teaching of school knowledge, the content, the statements related to what is "already-known", it is crucial that both teacher and student are invoked - from different discursive positions – to the level of unconscious desire that dwells in them, that is to say, that they are invoked in their own structural lack of knowledge, in their utterances, in their uniqueness, and without which the reproduction of evident knowledge – no matter if it is related to the one who teaches or learns – would be just a massification, a mere uniforming universalization. Then, a not-all teaching will require that the teacher does not put him or herself just as a replicator of public knowledge, since he must deposit in such teaching something unique, something of his, something from its unrepeatable enunciation. Or as in Comenius: erudition and tools already prepared do not exempt the living voice of a teacher. And it is precisely this alive voice that in principle may bring life to bookish knowledge (books are our dumb masters, said Comenius), and so that can raise a student's desire to awake such public knowledge to a new life. Thus, that is how transmission is cyphered.

Key words: Psychoanalysis and Education; Freud, S.; Comenius, J.A.; Transmission; Foundations of Education.

Introdução

Consolidou-se há já algum tempo, a nosso ver, um certo raciocínio acerca da modernidade - raciocínio falto talvez de alguma paciência conceitual -, e que costuma orientar de modo menos ou mais explícito a maneira como muitas vezes se pensa hoje a educação moderna. E fundamentalmente tal raciocínio poderia ser exposto nos seguintes termos: “Ora, uma vez que a modernidade”, ao menos por suposto, “é marcada por uma ascensão sem precedentes da razão técnico-instrumental e, sobretudo, pela homogeneização de todas as instâncias da vida por essa mesma instrumentalização, então a educação dos tempos modernos não poderia figurar de modo menos tecnicista”.

Segundo o que nos parece, tal proposição sobre a modernidade - proposição a qual é ainda hoje largamente defendida - constitui de certa forma e em alguma medida apenas uma generalização precipitada, a qual torna de difícil constatação a existência de “antinomias” que são intrínsecas aos tempos modernos (antinomias essas que tornam a modernidade bem menos homogênea do que se costuma em geral considerar ¹). E ademais, por força ainda de tal generalização precipitada acerca da modernidade e acerca da própria educação moderna ², não é incomum que os pensadores e teóricos - estudiosos que abordaram os problemas do campo educacional ao longo dos tempos modernos - sejam identificados de modo menos ou mais unilateral a “porta-vozes pedagógicos do espírito tecnicista de época”. Isto é, de certa forma, a referida visão redutora acerca da modernidade acaba se estendendo à educação moderna e, a partir desta, contamina então a visão hegemônica acerca dos pensadores, literatos, pedagogos etc. que procuraram pensar a educação ao longo da modernidade (tais intelectuais acabam despontando na condição de meras “ilustrações” da referida tese geral sobre os tempos

¹ Pensemos com Habermas (2000) – e a partir de Weber - que a secularização ou o desencantamento do mundo ocidental promoveu, por volta do século XVIII, a tripartição das esferas culturais de valor (ou de esferas axiológicas constituídas em torno, por um lado, da ciência, por outro lado, da moral e do direito e, por outro lado ainda, da arte e da crítica de arte) em detrimento do discurso totalizante de cunho metafísico-religioso, que prevaleceu até a irrupção da modernidade. Ora, as esferas culturais de valor (que se constituíram e adensaram a partir das legalidades discursivas internas a cada esfera) operam sob uma lógica “não-toda”, excluindo a possibilidade aí de um “Juízo Final” que as unifique, sintetize ou totalize, enquanto o discurso metafísico-religioso não operava senão como uma abarcadora cosmovisão (*Weltanschauung*) que estabelecia, por suposto, o sentido último do ser ou da existência humana. Pois bem, eis que se processa por meio da tripartição de esferas axiológicas, podemos dizer, um ganho simbólico (no sentido psicanalítico do termo), ganho esse que é intrínseco ao advento da modernidade e o qual “contrabalança” a igualmente moderna sobrelevação da racionalidade técnico-instrumental. Em suma, essa “antinomia” - dentre outras antinomias modernas - torna a modernidade bem menos homogênea do que é praxe admitir hoje em dia (cf. BATISTA, 2012).

² Que a educação, a partir das primeiras décadas do século XX, tenha se tornado, em função sobretudo de sua psicologização, hegemonicamente tecnicista (tal como veremos à frente), não implica que na modernidade em geral ela o tenha sido.

modernos). Ora, e se há um pensador que é associado talvez de modo particularmente precipitado ao dito “tecnicismo educacional moderno” é o pai mesmo da pedagogia na modernidade: Comênio.

Não é incomum que, ao se falar em Comênio, venha de chofre à mente a imagem do pedagogo para o qual a metodologia estaria acima de qualquer questão, e a ponto desta, por suposto, dever assumir completamente a condução das ações do professor no interior das instituições escolares. Isto é, quando se pensa em Comênio, se pensa em geral a partir da imagem relativamente consolidada de que, sendo tal autor o “Bacon da pedagogia” ou o “Galileu da educação”, e tendo ainda sua teoria educacional sido tocada inelutavelmente pelo condão da racionalidade técnico-instrumental, então o ensino e o aprendizado propostos por ele teriam de convergir infalivelmente - em função do escrupuloso emprego do método de ensino nas escolas - para o mesmíssimo ponto focal, e de modo que ambos - ensino e aprendizado - se recobrissem de forma mútua e completa (isto é, de modo tal que já não restassem quaisquer falhas, restos ou sobras entre eles). Afinal, Comênio não é o pedagogo do “ensino de tudo a todos”?³

Ora, é claro que não se pode negar o fato por si só expressivo de que a Didática Magna⁴ de Comênio apresenta como subtítulo “Tratado da arte universal de ensinar tudo a todos”, subtítulo esse que denota a evidente relevância que a metodologia de ensino possui para o autor. E ademais, alguns outros “slogans” para além do “ensinar tudo a todos” - e que muitas vezes são atribuíveis a Comênio de forma até mesmo justa - bem podem conferir outras tantas razões para que se admita a alegada “exacerbação do espírito técnico-instrumental” por parte do pensador em tela. E se não fosse assim, como poderíamos afinal compreender certas proposições comenianas e segundo as quais a Didática Magna é pensada, por exemplo, como a arte de ensinar tudo a todos com certeza, solidez, rapidez e sem enfado?⁵ Ou que o método didático, conquanto que deduzido *a priori*, apareça para o autor como *infalível*, e de modo a supostamente garantir a obtenção do efeito educacional esperado⁶ no que concerne àquilo que

³ Se ensinar e, sobretudo, transmitir (no sentido psicanalítico do termo, como veremos à frente) fossem de fato redutíveis a um conjunto delimitado de procedimentos metodológicos (procedimentos esses que, por sua vez, seriam passíveis de replicação por um professor quando este bem o quisesse), o ensino poderia então ser fundamentalmente descrito nos seguintes termos: o professor ensina “corretamente” e o aluno “corretamente” aprende (isto é, aprende sem mais). Ou em outras palavras: se houvesse um estrito controle técnico acerca do que o aluno aprende em vista do que lhe ensina o professor, então ensino e aprendizagem não seriam mais do que “pares narcísicos”, além do fato de que a “posição discursiva de aluno” não seria outra que a de objeto de gozo de seu mestre.

⁴ Comênio, 1966.

⁵ *Ib.*, p. 45.

⁶ *Ib.*, p. 75.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

